

Repetição, paráfrase e construção do conhecimento

Repetition, paraphrase e knowledge construction

Repetición, paráfrasis y construcción del conocimiento

Onici Claro Flôres

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/Brasil)

Márcia Regina Melchior Landim

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/Brasil)

RESUMO

O presente ensaio destaca a relevância das atividades sociocognitivas *repetição* e *produção de paráfrases* tanto para a retenção quanto para a evolução do conhecimento científico, destacando que as investigações neurocientíficas comprovaram essa importância e necessidade, dadas as características do funcionamento cerebral do indivíduo humano.

PALAVRAS-CHAVE: Repetição; Paráfrase; Produção do conhecimento.

ABSTRACT

This essay highlights the relevance of sociocognitive activities of repetition and production of paraphrases for both retention and the evolution of scientific knowledge, noting that neuroscientific investigations proved that importance and necessity, given the characteristics of the individual human brain function.

KEY WORDS: Repetition; Paraphrase; Knowledge production.

RESUMEN

El presente ensayo resalta la relevancia de las actividades sociocognitivas de repetición y paráfrasis, tanto para la retención como para la evolución del conocimiento científico, enfatizando que las investigaciones neurocientíficas

* Sobre as autoras, ver página 142.



han demostrado esta importancia y necesidad, dadas las características del funcionamiento cerebral del individuo humano.

PALABRAS CLAVE: *Repetición; Paráfrasis; Producción de conocimiento.*

1 Introdução

Ao nascer, o ser humano encontra o mundo “loteado” e cada um dos lotes fala determinada língua que o recém-nascido assimila, sem opção de escolha, por pura necessidade de se integrar à sua comunidade. Assim, tendo em vista esses antecedentes vale à pena avaliar a importância da paráfrase enquanto possibilidade de cada indivíduo manejar o dizer a seu modo, dando-lhe contornos próprios. Na verdade, repetir é o que mais se faz. Entretanto, o livre arbítrio propiciado pelo modo pessoal de o indivíduo se expressar é valioso, pois se a língua é recebida, a formatação de seu uso, o molde criado, a escultura, o torneio, depende da atividade linguístico-cognitiva de parafrasear.

Em vista disso, repetir o que se ouviu ou leu com as próprias palavras é uma prática sociocognitiva corriqueira no dia a dia. Por isso mesmo, desempenha papel decisivo na apropriação do conhecimento, constituindo-se na articulação entre o novo e o velho, ponto a partir do qual o processo de afastamento do já conhecido pode começar a ser palmilhado. Além do mais, vale lembrar que para reproduzir um dado texto de modo convincente, tem-se de alterar as palavras nele contidas, selecionando-as, procurando as mais adequadas para dizer aquilo que se tem em mente, de acordo com o conteúdo do que foi ouvido ou lido, o que exige não só compreensão, mas também integração do contexto à interpretação do material lido.

Por contexto, assume-se o conceito formulado por Dascal (2006), em que o autor (DASCAL, 2006, p. 194-195) discute esse conceito relacionadamente à atividade de ler, comentando que para explicar o que se compreendeu de um dado texto é preciso interpretá-lo o que “envolve a manipulação de pistas de vários tipos, [apoiando-se] não apenas ao conhecimento de mundo do destinatário, mas também [na] ‘ativação’ do seu conhecimento de funções e convenções linguísticas”. Esse modo de conceber o que seja contexto adequa-se ao estudo da paráfrase, uma vez que põe em foco não só o conhecimento das pistas extralinguísticas (conhecimento de mundo), mas também das pistas metalinguísticas (conhecimento das convenções e da linguagem próprias a situações sociais específicas).

De hábito, como já salientado, a atividade de parafrasear limita-se a repetir as palavras ouvidas ou lidas, quase literalmente, fazendo parte do processo de aprendizagem, mas não necessariamente do processo de avanço do conhecimento. Mas dizer de outro modo, na verdade, sempre acaba mudando alguma coisa no texto base, ainda que não necessariamente esse dizer diferente expresse algo mais do que o já foi dito. A atividade mesma, contudo, obriga o parafraseador a modificar o texto, pois “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Assim, inapelavelmente a produção de paráfrases introduz modificações no texto original, embora estas possam ser restritas, resumindo-se a trocar palavras de lugar, ou ao emprego de sinônimos. O processo, todavia, não se reduz necessariamente a isso. De acordo com o que afirma Fuchs (1985), existem distintas possibilidades de produção parafrástica. As do primeiro tipo – **paráfrases reprodutoras** – são fiéis ao texto base, restringindo-se as mudanças introduzidas ao mínimo. As do segundo tipo – **paráfrases inovadoras** – envolvem não apenas repetir o dito, mas articular ideias, relacionando-as ao contexto em que foram produzidas e, ainda, ao contexto histórico, ao momento vivido pelos participantes da interação, sobretudo, ao momento vivido pelo ouvinte/leitor. Consequentemente, embora a atividade de parafrasear não se proponha a fazer avançar o conhecimento, antes a reproduzi-lo, a paráfrase tanto pode desencadear alterações superficiais, quanto substanciais no que foi ouvido ou lido.

Tudo indica, então, que a necessidade de redizer (repetir) pelos motivos os mais variados leve - no caso do presente ensaio - o leitor a elaborar uma versão própria do texto lido. Esse leitor pode não se contentar com a repetição pura e simples, até porque para repetir o texto lido tal qual escrito, teria de decorá-lo. A pretensão, pois, é a de mesmo mantendo-se fiel ao já dito, dizê-lo à sua maneira. Porém, como já ressaltou Austin (1965), dizer é fazer, por isso substituir palavras ou alterar a ênfase/organização/distribuição das informações pode acabar ocasionando deslocamentos informativos, por vezes, também ocasionando mudanças na mensagem textual.

De todo modo, a produção de paráfrases propicia o surgimento de possibilidades interpretativas inesperadas ou a inclusão de detalhes informativos inusitados; o desvelamento de ideias omitidas de propósito ou não; a introdução de cortes ou adendos textuais ou, ainda, a proposição de comparações inusitadas, bem como a formulação de analogias sequer cogitadas no texto base, uma vez que a própria atividade de produção escrita acaba deslocando as palavras de seus vínculos sintáticos usuais, o que faz com que o pensamento se desprenda das formas e estruturas verbais. Esses deslocamentos e as associações deles decorrentes permitem que o parafraseador diga de outro modo e até mesmo possa propor algo bem distinto do texto base por viver num momento histórico diferente daquele do autor do texto que foi parafraseado. Suas circunstâncias são outras.

Justifica-se desse modo que, no ensino de leitura e de escrita a estudantes, seja de nível médio, seja de iniciantes no nível superior, a produção de paráfrases possa se constituir em um procedimento didático importante para investigar a construção do conhecimento, sendo a paráfrase elaborada uma forte candidata a explicar a inter-relação entre linguagem, cognição e cultura tal como expressa textualmente. Na verdade, os professores de língua portuguesa ou de línguas adicionais já sabem disso, não explicitando, porém, os critérios utilizados em suas avaliações, ainda que distingam textos adequados de inadequados. A questão é que esse proceder é basicamente intuitivo, não elencando os docentes quaisquer critérios passíveis de validação, além daqueles mais básicos e de fácil identificação, como os erros ortográficos, acentuação gráfica e etc.

Em suma, a investigação da paráfrase é de extrema relevância, quando se trata de considerar como se efetiva a construção do conhecimento, porque o

recurso à retomada do já dito é constante tanto na fala quanto na escrita, para todos os fins sociais imagináveis.

2 A paráfrase enquanto produção textual: limitações e possibilidades

Nessa altura do ensaio aqui apresentado, retoma-se o significado do termo parafrasear que, grosso modo, implica a reativação de um texto anterior com alguma modificação formal. A produção de paráfrases é a atividade linguístico-cognitiva que possibilita essa ativação do conhecimento anterior, ou seja, permite a retomada do texto fonte que é lembrado e recuperado através de outro que lhe é posterior, em termos de tempo cronológico. A paráfrase produzida, no entanto, se diferencia do texto original em aspectos de ordem semântico-estrutural e pragmática, obviamente, já que texto base e texto parafraseado são textos distintos, produzidos com propósitos distintos por autores distintos.

Em *A paráfrase Linguística*, Fuchs (1985) analisou detalhadamente o conceito de paráfrase, ressurgido em meados dos anos 60, pois nos estudos linguísticos anteriores a esse período, falava-se exclusivamente em resumo e por resumo entendia-se e entende-se até hoje a reprodução de um texto com extrema fidelidade às ideias nele contidas. De início, ressalta-se, então, a atitude do leitor como um índice diferenciador entre o modo de produção de resumos e de paráfrases.

A atitude do produtor de um resumo é a de extremo respeito pelo texto escrito não sendo esta habitualmente a atitude do parafraseador. No caso da produção do resumo, o leitor assume voluntariamente o papel de repetidor, sendo essa atitude reforçada através das definições mais usuais do termo. Pelo que se sabe, a reverência à escrita relaciona-se à concepção de linguagem mais aceita à época em que o termo resumo surgiu. Se considerado o uso inicial desse termo, depreende-se que se vincula a uma concepção de língua escrita, enquanto objeto sacralizado, não permitindo alterações. Daí decorre que, no senso comum, a palavra escrita, por exemplo, o texto bíblico, deva ser seguido à risca. Nesses termos, resumir é apenas abreviar.

Tal entendimento do que seja a escrita traduz-se, mesmo hoje em dia, em atitudes que merecem atenção de parte dos professores. Por exemplo, alguns alunos do Ensino Básico e mesmo universitários iniciantes, às vezes produzem resumos da seguinte forma – copiam da folha impressa (ou recortam do texto digital) uma ou duas frases do início do texto, algumas outras do meio (desenvolvimento) e uma ou duas linhas da conclusão. Pronto, o resumo está feito. Do ponto de vista desses alunos, não há o que discutir ou entender, basta copiar o que estava escrito no texto lido.

Opostamente à solicitação de um resumo, que não causa qualquer problema de entendimento, a solicitação de uma paráfrase enseja dúvida e polêmica. Primeiramente, por que o termo ressurgiu concomitantemente à emergência de novas formas de entender a linguagem. Para começar, os teóricos que se interessaram pelo assunto definiram paráfrase de formas distintas. Segundo Fuchs (1985) três abordagens conferiram-lhe ênfases diferentes. A primeira, a da lógica a concebeu enquanto equivalência formal; a segunda, a da gramática optou pela sinonímia e a terceira a da retórica a propôs

enquanto reformulação. Na explicação de Fuchs, a perspectiva lógica postula que duas proposições são equivalentes, se e somente se tiverem o mesmo valor de verdade. A autora salienta, porém, que a noção de valor de verdade não é de fácil aplicação aos enunciados linguísticos, ao que se acrescenta que linguagem não é matemática. Daí a inadequação da abordagem lógica restrita aos estudos da paráfrase, ainda que o texto parafraseado tenha de ser coerente. No que diz respeito ao ponto de vista gramatical, a equivalência de sentido remete a relações entre tipos frasais (frases ativas versus passivas) e, também, a relações de sentido entre palavras. A abordagem não discute, então, a paráfrase textual. Por fim, a abordagem retórica, diz a autora, enfoca a paráfrase no plano do discurso, “como uma atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo” (FUCHS, 1985 p. 130).

Segundo Fuchs, a produção de paráfrases envolve três etapas distintas: leitura, interpretação e (re)produção textual (FUCHS, 1985). O que se discute e problematiza neste ensaio é justamente a atividade parafrástica de (re)construção do conhecimento através de textos e não de conceitos soltos, nem de sentenças isoladas, pois tanto aprimoramento quanto manutenção do conhecimento ocorrem através de textos e não de palavras soltas ou de conceitos, uma vez que o habitat natural das palavras no cotidiano é o fluxo comunicativo, e neste cada conceito, cada palavra, faz parte de uma estrutura complexa - um modelo cognitivo global - que constitui o modo de entendimento do que seja o mundo para um determinado grupo de indivíduos. Van Dijk (2012 p. 259) assume que “[...] adquirimos a maior parte do nosso conhecimento por meio de textos e de interlocuções [...]”, o que nos leva a reiterar que o estabelecimento do conhecimento humano se dá via texto. (GEERTZ, 1997).

Sintetizando, a concepção de paráfrase aqui apresentada entende que entre resumir e parafrasear, o termo parafrasear é mais versátil, menos preso a uma concepção de linguagem (escrita) estática, relacionando-se também à formulação do conhecimento e não somente à sua reprodução. Em certo sentido, todavia, resumir e parafrasear são considerados termos equivalentes. Ambos implicam reproduzir. Os termos parafrasear e traduzir (tradução interlínguas) apresentam também algo em comum - o objetivo - que é o de transformar um texto e não propriamente o de criá-lo. Na tradução, o redator propõe-se a transformar um texto de uma língua (língua de partida) num texto equivalente de outra (língua de chegada), embasado no conteúdo sintático, semântico e pragmático do texto base. Da mesma forma, o parafraseador almeja produzir uma paráfrase que tenha sentido equivalente ao do texto que leu. Por isso mesmo, Fuchs (1985) ressalta que a noção de paráfrase é difícil de explicar, tanto teórica quanto praticamente. De acordo com ela, a paráfrase pode ser caracterizada como:

[...] um dado imediato da consciência linguística dos locutores (saber uma língua é poder produzir e identificar frases como “tendo o mesmo sentido”), mas é também o produto das construções teóricas dos linguistas (o número e a natureza das paráfrases descritas é função direta do modelo de referência);

- uma atividade linguística dos sujeitos (um trabalho de interpretação e de reformulação), mas é também o objeto resultante desta atividade (o enunciado ou o texto que reformula o outro);
- uma relação entre um enunciado ou texto-fonte e sua(s) reformulação(ões) efetiva(s) numa situação dada (dimensão “sintagmática” da cadeia do discurso), mas é também uma relação entre todos os enunciados virtualmente equivalentes na língua (“dimensão paradigmática” do sistema da língua) (FUCHS, 1985, p. 129).

Embora acatando a posição de Fuchs, assume-se que o processo de reconstituição textual propiciado pela produção parafrástica tem natureza linguístico-cognitiva. Em vista disso, a reformulação proposta neste ensaio reconhece e aceita haver manipulação da língua (princípios de funcionamento), mas considera que a estas se incorporam princípios cognitivos, pois não existe, de fato, independência total da linguagem em relação à cognição. Ou seja: “[...] não temos acesso à realidade independente da categorização humana e por isso a estrutura da realidade tal como refletida na língua é um produto da mente humana”. (SAEED, 1997, p. 301).

Concluindo, postula-se que a repetição parafrástica é necessária para garantir o estabelecimento do significado, que não é estático, apesar de ser a base conceitual comum, que permite a elaboração mental intersubjetiva, vinculada a situações concretas, negociadas de modo colaborativo ou conflitivo, em cada situação interativa específica. Para a reformulação parafrástica, é indispensável, ainda, “uma interpretação prévia do texto-fonte, de maneira que se restaure o texto de modo diferente” (FUCHS, 1985, p. 130).

3 Produção de paráfrases: manutenção e ultrapassagem dos limites estabelecidos pelo conhecimento atual

No Brasil, em alguns estudos realizados na área da leitura, a repetição literal do que foi lido, ou ouvido é avaliada de modo negativo, sendo a reprodução fiel considerada ‘falta de horizonte’ compreensivo (MARCUSCHI, 1996). Claro está que não é possível contestar a posição de que a repetição pura e simples não gera evolução do conhecimento. Até porque, nesses casos, diz Marcuschi (2007), o leitor age como se dispusesse de informações absolutamente fidedignas, como se fosse detentor de um saber indiscutível, inquestionável, agindo como se a linguagem fosse espelho da realidade e da verdade. Do que o autor discorda, uma vez que considera a objetividade, na perspectiva da linguagem como reflexo da realidade, “um mito, uma quimera”. (MARCUSCHI, 1996, p. 75).

Tendo em vista essa visão pouco alentadora da importância da repetição para a cognição humana, porém, o estudo da paráfrase acabou sofrendo reveses negativos. Assim, embora não implique apenas repetição – a paráfrase é tida como uma evidência limitada, restrita, de compreensão. Marcuschi, inclusive, define a leitura parafrástica como “uma espécie de

repetição com outras palavras em que podemos deixar algo de lado, selecionar o que dizer e escolher o léxico que nos interessa” (MARCUSCHI, 1996, p. 75). Essa citação é um indicador de como a paráfrase é vista - horizonte mínimo de compreensão - limite do conhecimento, estagnação.

As ponderações de Marcuschi (1996, 2007) são irrefutáveis. Resta, todavia, explicar certas questões cognitivas que persistem inabordadas e inexplicadas: Será que repetir não tem função alguma na construção do conhecimento? Ninguém nega que apenas repetir seja insuficiente, mas o papel cognitivo da repetição será dispensável ou inexistente? E, mais ainda, parafrasear será uma atividade linguística sem função cognitiva relevante? As perguntas aqui formuladas baseiam-se em estudos neurocientíficos (DEHAENE, 2012; GAZZANIGA, 2002) e podem ser resumidas no questionamento a seguir: como construir conhecimento sem considerar as características e os limites do cérebro humano?

O questionamento feito envolve considerar os estudos sobre a memória que, inegavelmente, é de inestimável valia para o ser humano. Sem memória, ou memórias, a pessoa literalmente se desfaz. Pode-se alegar que algo repetido é algo já sabido, decorado, e que a repetição não é suficiente para atestar que houve compreensão. É preciso pensar, raciocinar. De fato. Mas, há que reconhecer, repetir o que já se sabe é uma etapa necessária, indispensável para a aprendizagem. Sem repetir o já sabido e testado, como formular novas hipóteses investigativas? Izquierdo (2011), inclusive, afirma que repetir é aprender.

Em suma, saber repetir parece ser o passo inicial, indispensável, para o registro e manutenção do conhecimento na memória, e, mais ainda, para a estabilização desse conhecimento entre os membros de uma dada área ou campo do saber. Assim, subestimar a importância de repetição para a construção intersubjetiva do conhecimento não se justifica, se for considerada a importância dos estudos das neurociências para entender melhor como vive e age o indivíduo humano em sociedade.

Em decorrência, se repetir é essencial ainda que insuficiente, avulta a importância da paráfrase, pois sem parafrasear, a alteração ou variação no modo de formular o conhecimento tornar-se-ia inviável. Como saber que se compreendeu? É preciso dizer com as próprias palavras o que se aprendeu para demonstrar compreensão. Além disso, mudanças de palavras e combinações de palavras podem introduzir ideias novas, problemas não considerados anteriormente, outras associações, lembranças relacionadas ao fato, reconhecimento de similaridades e modos alternativos de conceber o problema, reunindo informações do texto e do contexto situacional e histórico. Ou seja, a paráfrase é essencial para a construção intersubjetiva do conhecimento e para seu avanço.

Caso o que se afirmou até o momento seja verdadeiro, na área dos estudos da leitura não se está conferindo a devida importância à cognição, à memória humana, como fatores indispensáveis para a construção do conhecimento. Essa conclusão decorre do fato de que se eliminados aspectos vitais do processo – repetição e paráfrase-, a humanidade estaria sempre voltando à invenção da roda, no que se refere ao processo global de construção intersubjetiva do conhecimento.

Em outras palavras, a falta de conhecimento e análise do modo humano de conhecer explicaria a tendência a subestimar a repetição e a parafraseagem. Essa desconsideração é até compreensível, mas não justificável. Os estudos da linguagem, em geral, e, em especial, da leitura, envolvem, também, conhecimentos atinentes às neurociências, ao estudo do cérebro/mente - suas possibilidades e limitações. Em vista disso, ao se investigar a inter-relação entre cognição e linguagem, é preciso antes de qualquer outra coisa considerar aquele que conhece, nesse caso, o ser humano, não ignorando que o conhecimento humano é construído em certo lugar e tempo, por certas pessoas – saber local, instrumentos e ferramentas fazem parte do processo e do produto construído. Em síntese, o sujeito humano tanto depende da cultura quanto depende da memória, do pensamento e da linguagem para ser aquilo que é. Conseqüentemente, a primeira providência para incluir os conhecimentos auferidos das neurociências na pesquisa referente à leitura é tomar consciência da tipicidade do cérebro humano, quanto ao modo de construção do conhecimento.

Caso assim seja feito, não mais será possível negar ou diminuir a relevância da repetição e da produção de paráfrases para a manutenção e inovação do conhecimento humano, porque, historicamente, se constata um mesmo movimento com relação a todo tipo de atividade cognoscitiva. A repetição do conhecimento construído é uma forma de preservação daquilo que a humanidade atingiu até determinado patamar; o movimento seguinte é o da diferenciação, a partir de acréscimos e modificações parafrásticas. Retoma-se aqui Sinha (2005, p. 331) que afirma o seguinte:

[...] o nível sociocultural é emergente do biológico, de forma relativamente autônoma (mas atuando de volta por “capturar”) do nível “psicológico” (que não é autonomamente emergente do nível biológico). Nessa visão, não existe “Mente/Cérebro”, já que “mente” é constituída pelo biológico e social.¹

4 Palavras finais

Para concluir se pondera que a equiparação pura e simples entre paráfrase e resumo tem feito seus estragos no âmbito da pesquisa acadêmica, levando a que alguns pesquisadores tendam a considerar a paráfrase como uma tremenda obviedade, algo muito trivial para atrair o pesquisador e levá-lo a elegê-la como objeto de investigação. Nesse prisma, a paráfrase é tida como uma reprodução sem qualquer dificuldade e, sobretudo, sem valor efetivo para a construção do conhecimento. Em síntese, implica estagnação (ARIMATEIA; CAMPOS, 2011). Uma análise mais detida, envolvendo inclusive a cognição humana, todavia, indica que a paráfrase é uma etapa indispensável dessa

¹ [...] the socio-cultural level is emergent from the Biological one, relatively autonomously from (but Acting back upon by “capturing”) the “psychological” level (which is non- autonomously emergent from the biological level). In this view, there is no “Mind/Brain”, since “mind” is coconstituted by the biological and social (SINHA, 2005, p. 331).

evolução, sendo o passo inicial da intersubjetivação e, portanto, da socialização do conhecimento construído até o momento considerado.

REFERÊNCIAS

- ARIMATÉIA, T. S.; CAMPOS, S. F. A Paráfrase como ponto de estagnação na Escrita Acadêmica, 2011. Disponível em: <http://www.sigaa.ufrn.br>. Acesso em 20 de maio de 2014.
- AUSTIN, J. **How to do Things with Words**. N. York: Oxford University Press, 1965.
- DASCAL, M. **Interpretação e compreensão**. Tradução de Marcia Heloisa Lima da Rocha. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.
- DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura** – como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Trad. de Leonor Scliar Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FUCHS, C. **A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?** Ed. Unicamp, n. 8, p. 129-134, 1985.
- GAZZANIGA, M.; IVRY, R.B.; MANGUN, G.R. **Cognitive Neuroscience** – The Biology of the Mind. 2 ed. New York, London: W. W. Norton & Company, 2002.
- GEERTZ, C. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera M. Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. **A Interpretação das Culturas**. 1 ed. [Reimp.] Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- MARCUSCHI, L.A. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- _____. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto, Brasília**, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996.
- SAEED, John I. **Semantics**. Oxford: Blackwell, 1997.
- SINHA, Ch. Biology, Culture and the Emergence and Elaboration of Symbolization. In: ANJUM P.; SALEEMI, Ocke-Schwen Bohn; GJEDDE, Albert (Eds.). In: **Search of a Language for the Mind-Brain: Can the multiple perspectives be unified?** Denmark: Aarhus University Press, 2005.
- VAN DIJK, T. A. Discurso e produção de conhecimento. Trad. de Orison Bandeira Júnior. In: BRAIT, B.; SOUZA E. SILVA, M.C. (Org.) **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em julho de 2019.

Aprovado em agosto de 2019.

Publicado em setembro de 2019.

SOBRE AS AUTORAS

Onici Claro Flores é doutora em Letras/Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); mestre em Educação pela mesma universidade e graduada em Filosofia e em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Lecionou Linguística na FAPA e na ULBRA/Canoas. Foi professora do Curso de Letras e no Mestrado e Doutorado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. É investigadora da área de Linguística, concentração em Psicolinguística, pesquisando a respeito dos seguintes temas: leitura, leitura e sistemas de escrita, linguagem e cognição, interpretação / compreensão leitora, alfabetização.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7075608298083090>

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0155-6767>

E-mail: oniciflores1@gmail.com

Márcia Regina Melchior Landim é doutoranda em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC; é mestre em Letras, graduada em Pedagogia e em Letras – Espanhol pela mesma universidade. É membro do grupo de pesquisa Linguagem e cognição. É professora da rede municipal de ensino em Santa Cruz do Sul, com experiência em alfabetização e anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e também em gestão escolar.

CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/3247292174483073>

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1926-8261>

E-mail: soramarcia@gmail.com